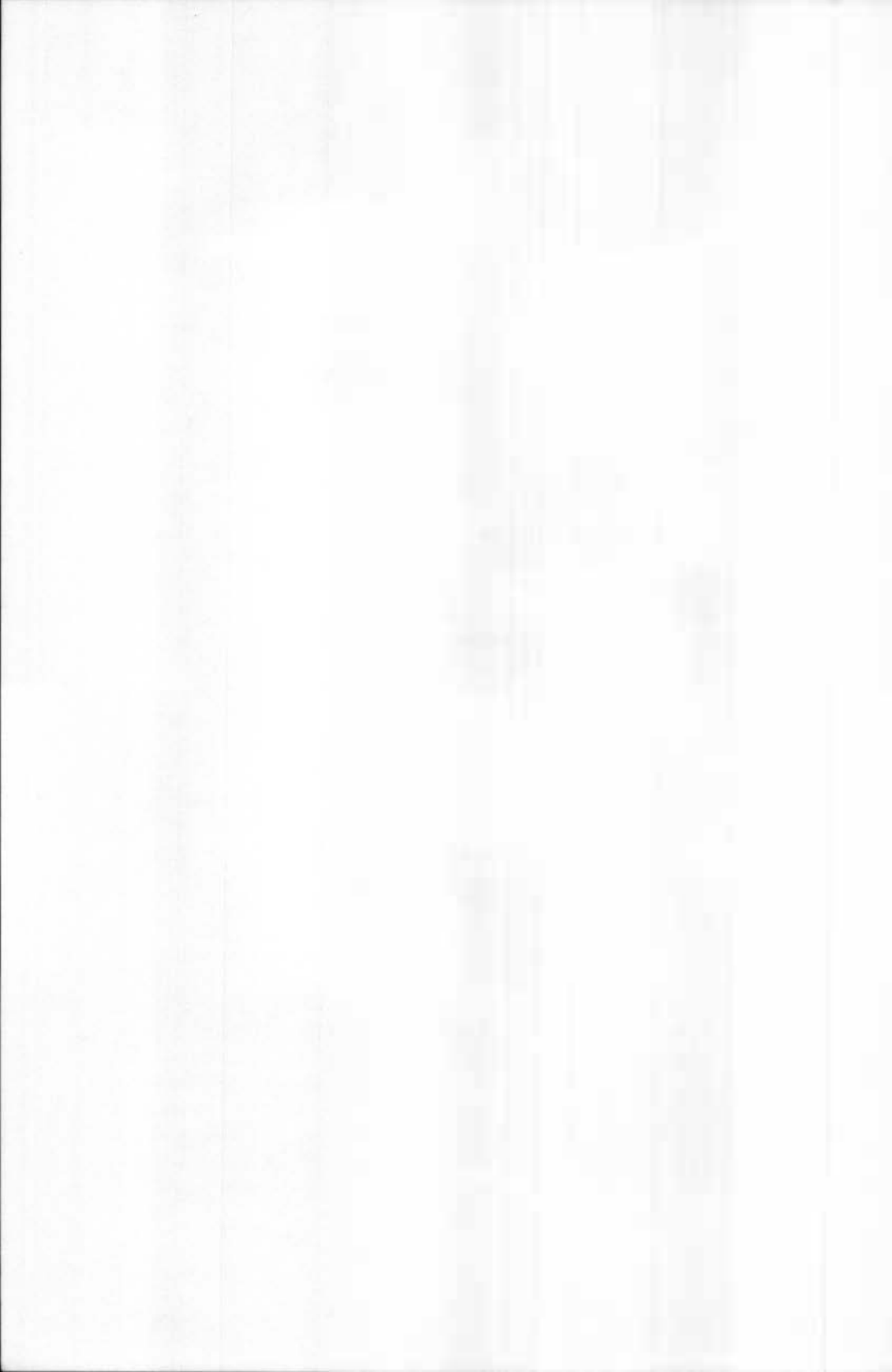


7a. PARTE
OS MORTOS DA ACADEMIA



NOSSOS MORTOS (1979/80)

S. de A.

JOEL LINHARES

Nascido em Lavras da Mangabeira, no dia 3 de agosto de 1895, filho de Firmino Gonçalves Linhares e Ana Ubaldina de Lima Linhares, faleceu Joel de Lima Linhares em Fortaleza, no dia 23 de fevereiro de 1979.

Havendo cursado Teologia no Seminário Arquidiocesano de Fortaleza, do qual saiu em 1916, dedicou-se desde então ao magistério, tendo sido durante anos professor de Música e Canto Gregoriano. Mas haveria de se destacar sobretudo no campo da Filologia Românica, disciplina da qual foi catedrático na Faculdade de Filosofia do Ceará, tendo ainda lecionado Língua Portuguesa em diversos estabelecimentos de ensino de nossa capital.

Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito do Ceará (1933), exerceu o cargo de Diretor Geral da Secretaria de Estado dos Negócios do Interior e da Justiça.

Publicou poemas esparsos e alguns discursos, deixando inéditos estudos versando temas gramaticais e filológicos, bem como uma **Gramática Portuguesa** e os **Pontos de Filologia Românica**.

Joel Linhares ocupava na Academia Cearense de Letras a Cadeira no. 16, cujo Patrono é Franklin Távora (Ao entrar para a agremiação, em 1930, sua Cadeira, com o mesmo Patrono, era a de no. 12).

PLÁCIDO ADERALDO CASTELO

Filho de João Fernandes Castelo e Antonina Aderaldo Castelo, nasceu Plácido Aderaldo Castelo em Mombaça, no dia 11 de janeiro de 1906, vindo a falecer em Fortaleza, no dia 17 de junho de 1979.

Historiador, educador, jornalista e sobretudo homem público, bacharelou-se em Ciências Jurídicas e Sociais, pela Faculdade de Direito do Ceará, em 1930. Foi Promotor de Justiça em Quixadá e em Fortaleza, e Juiz Municipal em Juazeiro do Norte, onde fundou a Escola Normal Rural, "a primeira desse tipo instalada no Ceará", como observa Raimundo Girão em **A Academia de 1894** (1975). Seguindo a carreira política e administrativa, onde mais intenso foi seu brilho, exerceu mandato de Deputado Estadual em várias legislaturas.

Foi Secretário da Fazenda e da Agricultura e Obras Públicas, Prefeito Municipal de Fortaleza (1945), Procurador Judicial do Estado, Auditor e depois Ministro do Tribunal de Contas do Ceará e, eleito Governador do Estado, dirigiu os destinos do Ceará até março de 1971, quando expirou seu mandato.

Era membro do Instituto do Ceará, e publicou: *Metodologia do Ensino da História* (1928), *A Constituição Republicana e a Federação* (1929), *Rápidos Traços Sobre a Educação do Sertanejo* (1931), *A Escola Normal Rural* (1932), *O Instituto do Algodão e o Crédito Agrícola* (1937), *Problemas Agropecuários do Ceará* (1957), *O Deputado Paula Rodrigues* (1963), *História Política do Ceará* (1963) e *História do Ensino no Ceará* (1970).

Em artigo que figura na *Revista da Academia Cearense de Letras* no. 40 (1979), escreveu Mozart Soriano Aderaldo: "Ainda de último elaborava uma Introdução, de que me mostrou algumas páginas, ao livro que sobre a terra comum escreveu seu conterrâneo e contraparente Augusto Tavares de Sá e Benevides, e nesse prefácio revelava mais uma vez o amor que devotava a Mombaça, bem como os profundos conhecimentos sobre a região e seus povoadores".

Plácido Castelo ocupava, na Academia Cearense de Letras, a Cadeira no. 39, cujo Patrono é Araripe Júnior.

CLODOALDO PINTO

No dia 12 de julho de 1979, faleceu em Fortaleza o escritor Clodoaldo Pinto, natural de Itatira, ex-Belém do Machado, onde nasceu no dia 27 de outubro de 1896, filho de Pedro Pinto de Mesquita e Maria R. de Oliveira Pinto.

Manoel Albano Amora, em *A Academia Cearense de Letras* (1957), considera Clodoaldo Pinto "um dos mais sábios criminalistas do país", sendo seus livros citados por expoentes da ciência penal em todo o Brasil.

Tendo participado, na mocidade, do Grêmio Literário Cearense, ao lado de Otacílio de Azevedo, Gilberto Câmara, Vulmar Borges e outros, compôs versos sob o pseudônimo de Carlos Pedra, chegando a anunciar um livro de poemas, *Arabescos*, jamais publicado.

Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito do Ceará (1919), foi Professor de Direito Penal na mesma Faculdade. Advogado dos mais brilhantes, foi durante anos Promotor de Justiça de Fortaleza. Entre outros estudos, publicou: *Decadência em Matéria Penal* (1934), *Inafiançabilidade em Direito Punitivo* (1935), *Quatro Estudos* (1936), *Reclamação Anulatória Contra a Eleição Última* (1943), *Legítima Defesa Autêntica* (1947), *Um Caso de Alibi* (1952), *Absolvição Preliminar* (1954), *O Conflito de Alencar* (1957), *O Crime de Itapagé* (1959), *O Caso Frias* (1963), *O Caso Fidélis*, etc.

Era membro do Instituto do Ceará, e na Academia Cearense de Letras

ocupava a Cadeira no. 20, que tem como Patrono José Liberato Barroso. Ao ingressar na ACL, em 1930, sua Cadeira, com o mesmo Patrono, era a de número 21.

JOSAPHAT LINHARES

Josaphat de Lima Linhares nasceu em Lavras da Mangabeira, no dia 24 de dezembro de 1896, vindo a falecer em Fortaleza, no dia 30 de outubro de 1979. Era filho de Firmino Gonçalves Linhares e de Ana Ubaldina de Lima Linhares.

Ensaísta, economista e Professor, destacou-se principalmente como conhecedor emérito dos problemas ligados à política monetária e de assuntos financeiros de modo geral. Foi professor catedrático de Moeda e Crédito na Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Federal do Ceará, e livre-docente de Ciência das Finanças na Faculdade de Direito do Ceará, onde se bacharelara em 1928.

Nos fins da década de 20, colaborando na revista *Fanfarra*, dirigida por Edigar de Alencar, já naquele tempo revelava preocupações sociológicas e filosóficas, tendo figurado, com um texto literário, em 1922, na antologia *Os Novos do Ceará no Primeiro Centenário da Independência do Brasil*, organizada por Aldo Prado. Ainda quando estudante da Fênix Caixeirai, fundou, com outros jovens, o Grêmio Literário Paula Nei, do qual foi presidente.

Publicou: *O Integralismo à Luz da Doutrina Social Católica* (1933), *A Moeda e as Finanças Públicas* (1936), *O Mil-Réis e a Política Financeira do Brasil* (1937), *A Moeda Bancária e a Função dos Bancos na Vida Econômica* (1943), *O Processo Inflacionário no Brasil* (1953), *O Desenvolvimento Econômico do Nordeste* (1957), *À Margem do Plano Trienal* (1963), *Podem os Bancos Criar Depósitos?* (1966), *O Humanismo e as Duas Culturas* (1971), *A Reforma Tributária e Sua Implicação nas Finanças dos Estados e Municípios* (1973), entre outros.

Josaphat Linhares ocupava na Academia Cearense de Letras a Cadeira no. 30, cujo Patrono é R. A. da Rocha Lima, Cadeira que tinha, em 1930, o no. 32.

BRAGA MONTENEGRO

Nascido em Maranguape no dia 28 de fevereiro de 1907, no dia 20 de novembro de 1979 faleceu em Buenos Aires, Argentina, Joaquim Braga Montenegro, literariamente Braga Montenegro, seguramente um dos maiores nomes da literatura cearense nestes últimos anos.

Filho de João Oscar Montenegro e de Lúcia Braga Montenegro, não che-

gou a concluir um curso superior (fez apenas o 1o. ano de Letras na Faculdade Católica de Filosofia do Ceará), mas chegou a obter vasta cultura humanística, lendo em vários idiomas, sendo digno de nota o estudo que, no número experimental da revista *Clã* (o no. 0), em 1946, publicou focalizando a obra de James Joyce, autor que lera no original, e que estava ainda longe de ser bem conhecido no Brasil.

Antes de ingressar, por concurso, no Banco do Brasil, onde galgaria os mais altos postos, residiu no Amazonas, tema de seus primeiros trabalhos literários, assinados com o pseudônimo de Léo Silva.

Professor *Honoris Causa* pela Universidade Federal do Ceará, destacou-se Braga Montenegro como ficcionista, no cultivo do conto, e sobretudo como crítico literário, dos maiores que já tivemos. Durante alguns anos, assinou estudos críticos no Suplemento Literário do jornal *O Estado de S. Paulo*, tornando-se nacionalmente conhecido e respeitado pela sua cultura e pela seriedade de seus ensaios.

Publicou *Uma Chama ao Vento* (1946), contos: *Araripe Júnior* (1948), *Evolução e Natureza do Conto Cearense* (1951), ensaios, *As Viagens* (1960), novelas, *Correio Retardado* (1966) e *Correio Retardado II* (1975), estudos de crítica literária. Preparou o volume 30 da coleção *Nossos Clássicos da Agir*, José Albano (1958).

Sua obra crítica nos revela não só um profundo conhecedor da literatura cearense, mas também das literaturas brasileira e universal.

Na Academia Cearense de Letras, ocupava a Cadeira no. 15, que tem como Patrono Capistrano de Abreu, tendo ingressado no Grêmio em 1952. Era um dos componentes do Grupo *Clã*, sendo ainda membro do Instituto do Ceará.

HUGO CATUNDA

Hugo Catunda Fontenele nasceu em Ipueiras, no dia 10 de agosto de 1899, filho de José Bento de Oliveira Fontenele e de Inocência Catunda Fontenele, e veio a falecer em sua cidade natal, no dia 7 de março de 1980.

Diplomado pela Universidade Rural do Rio de Janeiro (1936), chegou a exercer os cargos de Diretor do Arquivo Público e Museu Histórico, Diretor do Departamento Estadual de Educação, e Diretor de Orientação e Fiscalização do Ensino, e do Ensino Rural, além de Secretário de Educação e Cultura da Prefeitura Municipal de Fortaleza.

Exerceu ainda as funções de Delegado Regional do Ensino, Vice-Presidente do Conselho Estadual de Educação e Juiz do Tribunal de Contas do Município.

Como escritor, cultivou, além dos estudos de História, a genealogia, não

desdenhando ainda as pesquisas sociológicas e os problemas de Educação, matérias em que era igualmente versado. Membro do Instituto do Ceará, podemos destacar, de sua bibliografia, **Atualidade de Justiniano de Serpa** (1952), bem como **Metodologia do Ensino na Escola Normal Rural**; **Sentido Social da Educação Nova**; **Juvenal Galeno, o Precursor da Arte Nova**; **Um Caudilho do Nordeste**; **A Duquesa do Ceará**; **João Brígido**, e outros mais, merecendo ainda destaque o prefácio que escreveu para a segunda edição de **A Sedição do Juazeiro**, de Rodolfo Teófilo, de 1969. Ao falecer, escrevia um longo e aprofundado estudo sobre o Governo Acióli.

Nertan Macedo, ao ser recebido na Academia Cearense de Letras por Hugo Catunda, a ele se dirigiu em palavras deste teor: "Não sei o que mais admire na vossa personalidade, das mais ricas da minha Província: se o imenso cabedal de sabedoria do tempo, dos homens e das coisas, que, sem avareza, guardais debaixo de uma autêntica modéstia, se a displiscência pródiga com que espalhais ensinamentos e fatos que fazem reviver os tesouros perdidos da memória histórica da terra comum."

